

Aspectos epidemiológicos da esquistossomose em área não endêmica, a sudoeste do estado de Minas Gerais.

Raquel Lopes M. Souza¹; Rita Maria da Silva²; Cybele Gargioni.³; Silvia Gabriel Chiodelli³; Silvia Regina Baraldi²; Herminia Y. Kanamura^{1,4}

1 Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Rua Gabriel Monteiro da Silva 700, Alfenas, MG. CEP 37130-001. E-mail: martinssouza@unifal-mg.edu.br 2. Instituto Adolfo Lutz, Regional de Rio Claro, Rua 10,152-A Rio Claro, SP. CEP 13500-090. E-mail: rioclaro@ial.sp.gov.br 3. Instituto Adolfo Lutz Central, São Paulo, Av. Dr. Arnaldo 351, SP. CEP 01246-000. E-mail: enteroparasitas@ial.sp.gov.br São Paulo, SP. 4. Bolsista CAPES - Professor Visitante Nacional Sênior. E-mail: kanamura@usp.br

Este estudo visa contribuir com a vigilância da esquistossomose e foi desenvolvido nos municípios de Arceburgo e Guaranésia, na área de abrangência da Superintendência Regional de Saúde de Alfenas, MG, na mesorregião Sul/Sudoeste do estado. Esta região é considerada não endêmica para a esquistossomose, ao contrário de outras áreas ao norte e nordeste do estado de MG, mas apresenta características que podem favorecer o estabelecimento de focos de transmissão da doença, como ampla rede de drenagem, representada pela represa de Furnas, presença de caramujos gênero *Biomphalaria*, e constantes correntes migratórias de trabalhadores, recrutados para as safras agrícolas regionais. Durante o ano de 2015, escolares e migrantes foram submetidos a inquérito parasitológico (Kato-Katz e concentração pelo formol-éter) e sorológico (pesquisa de anticorpos anti-*S. mansoni*). No inquérito parasitológico, nenhum caso de esquistossomose foi detectado em Arceburgo (A), mas em Guaranésia (G), a frequência de infecção por *S. mansoni* (*Sm*), entre os migrantes, foi de 13,6% (9/66). Familiares do único escolar positivo de G foram submetidos ao exame parasitológico de fezes e, do total de dez, sete foram positivos para *Sm*. O número de ovos por grama de fezes (por Kato-Katz) variou de 12 a 222, entre os migrantes avaliados, e de 40 a 387, entre os familiares do escolar. No inquérito sorológico, a taxa de positividade encontrada foi de 12,1% (08/66) entre os migrantes de G; quanto aos escolares, não foram detectados casos soropositivos para esquistossomose. Em relação às demais parasitoses, as taxas de positividade encontradas foram, respectivamente para A e G, de 12,5% e 19,2%, entre escolares, e de 32,3% e 27,3%, entre migrantes. Os resultados sugerem diferenças em relação ao risco de exposição ao *Sm* e a importância da vigilância epidemiológica, mesmo em áreas não endêmicas, com foco nos migrantes, quando estes são oriundos de regiões endêmicas para esquistossomose.

Palavras-chave: Esquistossomose; vigilância epidemiológica; migrantes.

Suporte financeiro: Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL